



A "ARRUMAÇÃO" DO SUJEITO: AS VOZES DA MEMÓRIA SERTANEJA  
( THE ORGANIZATION OF THE SUBJECT: THE VOICES OF INLAND MEMORY)

Adriano Gomides SANTOS (Universidade Federal de Uberlândia)  
Agameton Ramsés JUSTINO (Universidade Federal de Uberlândia)  
Maria Madalena BERNADELI (Universidade Federal de Uberlândia)

*ABSTRACT: This paper focuses on, int the discursive procedures, the organizer voice of the sertanejo subject's polifony, by using the French Discourse Analasys instruments. This theoretical support allows us to search the discursive subject consciousness in the poem "Arrumação", by Elomar Figueira Melo.*

**KEYWORDS:** Discourse; Memory; Discourse Scene; Sertanejo; Culture.

0- Considerações iniciais

Neste trabalho, enveredamos pelo sertão erudito, aqui entendido como elaboração poemático-musical, do cantor e compositor baiano, Elomar Figueira Melo, com o propósito de identificar a "memória" sertaneja, partindo de sua representação simbólico-discursiva na música *Arrumação*.

Para tanto, resgatamos o conceito de Bakhtin (1992) sobre autor, que define-o como sendo a consciência da consciência. Transcendendo as limitações sincrônicas de espaço e tempo, Elomar congrega em sua música as vozes sociais, históricas e culturais que determinam as formações discursivas do homem sertanejo, evidenciando-as em elementos discursivos que buscamos resgatar em uma atividade interpretativa, segundo as prerrogativas da Análise do Discurso de linha francesa, a que nos reportamos. Assim como aponta Orlandi (1996):

"é pelo discurso que melhor se compreende a relação entre linguagem/pensamento/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação."

Tal qual o mineiro Guimarães Rosa, Elomar pode ser considerado como um sertanejo erudito. O paradoxo dessa qualificação justifica-se pelo fato do compositor ter passado toda a sua infância no meio de cantadores e cantorias, no sertão baiano, para, mais tarde, estudar violão clássico em Salvador. Suas composições contemplam, a um só tempo, a forte tradição em cultura popular da sua região e uma estrutura musical clássica proveniente das composições européias.



Nos deteremos aqui na análise da música *Arrumação*, composta no começo da década de 70 e gravada no disco *Nas Quadrada Das Águas Perdidas*. *Arrumação*, como apontada no encarte da obra, significa o momento em que o sertanejo se prepara para a vinda dos infortúnios gerados pela natureza e pelos homens.

Ao analisar esta composição, de acordo com os nossos objetivos propostos, lançamos mão da hipótese de que o sertanejo cantado em *Arrumação* não pode ser entendido apenas como um sujeito isolado, narrando suas próprias agruras. Outrossim, ele ultrapassa os limites da individualidade e se torna um porta-voz do homem sertanejo. Ele denuncia as condições de produção do seu discurso, sendo estas mesmas determinantes de suas formações discursivas. Assim, partindo do princípio de que o sertanejo, ao construir o texto, mostra, nos procedimentos discursivos, a voz que organiza a polifonia, temos corporificada a alteridade discursiva, nos moldes da teoria de Althusser (1974).

Para que possamos entender a produção discursiva do sertanejo em *Arrumação*, é necessário que resgatemos um sentido específico do vocábulo “sertanejo”, tomado aqui como sujeito histórico morador do sertão nordestino ou mineiro e produtor de uma riquíssima cultura artesanal, que sobrevive nas várias gerações das famílias sertanejas. Este sertanejo está muito além daquele que é destacado na mídia e incorporado no senso comum como vítima da fome, da indústria da seca, da migração e da miséria secular.

E, em decorrência de uma tradição longeva, Elomar vai edificar seu discurso sertanejo, denotando os atributos de autor, de que nos fala Bakhtin. Assim sendo, em *Arrumação*, o compositor baiano desponta com a *consciência da consciência sertaneja*, espelhada com a transparência opaca da metáfora, do discurso, da linguagem.

Desse modo, colher a identidade do homem sertanejo refletida em *Arrumação*, afigura-se como um prazeroso desafio antropológico e discursivo, no qual procuramos desvelar a figura do sertanejo para além do senso comum, ao mesmo tempo em que nos aproximamos de um tipo humano fundamental na história e na cultura brasileira, em qualquer tempo e espaço. Tudo isso, amparando-nos nos discursos e nas formações discursivas e ideológicas do sertanejo, enraizadas de modo indissociável na música de Elomar.

#### 1- A estrutura básica enunciativa

Numa primeira abordagem de *Arrumação*, é pertinente que delimitemos o discurso a partir das seguintes questões: quem é o enunciador; quem é o enunciatário; e as propriedades da enunciação e dos enunciados que ora analisamos.

O enunciador deste discurso é, antes de mais nada, um sertanejo que vive no Nordeste, em uma propriedade rural, onde imperam longas estiagens e seca. Neste espaço, a subsistência é assegurada com os elementos básicos da economia rural nesta região: caprinocultura, cultivo de feijão, alho, e, possivelmente, do cultivo de outras culturas típicas.



A título de exemplificação dessas afirmações, bastam os versos retirados da música em questão: “Mãe purdença inda num culheu o aí”; “Vai trimina ridusi toda a criação”; Sêda Branca na passada ela levô”; e “Vamo plantá feijão no pó”.

Este enunciador sertanejo seria, também, um homem de meia idade, experiente (“Sou um caco velho nesse meu sertão”), supostamente filho de “Mãe Purdença”, e pai de duas moças, uma, cujo nome não é mencionado na música, e de Josefina, a quem o enunciador dirige a palavra, a enunciatária em *Arrumação* (“Josefina sai cá fora e vem vê”). Todavia, não há registro de sua fala na música, o que pode ser associado a uma voz que se situa fora do poema-canção, indefinida espaço e temporalmente.

Quanto à enunciação, esta se dá no momento em que o enunciador percebe os indícios de uma chuva iminente — ao que parece, após longa estiagem —, provocando uma reação imediata de chamar Josefina para testemunhar tal fato, já que a enunciação não recai em um único enunciador. Como lembra Benveniste (1996):

“o ‘monólogo’ deve ser posto, apesar da aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental.”

O enunciador, também, reporta-se a outros elementos que lhe são danosos: a onça, predadora de bodes (“Lua nova sussarana vai passá / Sêda Branca na passada ela levô”); e os ciganos, que lhe teriam roubado no passado (“Os ciganos já subiro bêra rio / É só danos todo ano nunca vi”).

Sendo assim, em seu enunciado, visto como produto da enunciação, o enunciador sertanejo passa, do indício da chuva e das providências dela decorrentes, a uma longa digressão, em que relata elementos típicos e substancialmente simbólicos do universo sertanejo, os quais interferem decisivamente em sua vida, sejam eles ligados à natureza e/ou aos homens.

## 2- A composição das formações discursivas do sertanejo

Destacamos como os principais elementos constituintes das formações discursivas do sertanejo, em *Arrumação*, os seguintes:

### 2.1 – Linguagem dialetal

Várias das expressões utilizadas pelo enunciador sertanejo são formas cristalizadas historicamente dentro das condições de produção discursivas sertanejas. Destacam-se “os fôrro ramiado”; “futuca a tuiá”; “catadô”; “panicum”; etc. Todas estas expressões, e ainda outras, compõem um pequeno glossário dentro do encarte da obra e suas explicações afiguram-se como indispensáveis ao entendimento do enunciado, pois, tal como o próprio compositor afirma no prólogo de uma de suas obras (*Cartas Catingueiras*), sua linguagem é “dialeto sertaneza”, exigindo ser “traduzida” para que possa ser bem entendida.



Isso posto, podemos perceber a linguagem dialetal como uma marca discursiva crucial do sertanejo, na qual se destaca fundamentalmente a tradição oral, pois ela revela o *locus* a partir do qual o enunciador realiza sua enunciação.

## 2.2- Cultura do sertanejo

Reportamo-nos à cultura como sendo todo o contingente simbólico, definido historicamente, que transpassa e determina as formações discursivas do sujeito. Assim sendo, reinscrevemo-nos no campo discursivo, dentro dos elementos mais pertinentes à análise que ora executamos. Podemos, ainda, reconhecer o trabalho como a atividade fundamental à transformação da realidade intrínseca e extrínseca das comunidades humanas, sempre no interior do universo lingüístico.

Em *Arrumação*, percebemos o conflito histórico do sertanejo para garantir a sua sobrevivência, em um meio tão inóspito quanto o do sertão. Entretanto, este homem entrega-se completamente à luta pela sua permanência e sobrevivência nestes espaços, segundo sua herança histórico-cultural, igualmente concreta e abstrata.

Em sua tensa dialética com a natureza, o sertanejo lê nas nuvens “ramiadas” e nos trovões o índice que anuncia não só a chuva, mas também os riscos que esta representa ao seu rebanho e à lavoura de alho, essenciais a sua sobrevivência. Antevendo os efeitos da chuva, este se precipita ao trabalho, como reação ao signo “chuva”, apreendido da observação do céu.

Toda essa interlocução simbólica com a natureza se sustenta na tradição cultural do sertanejo, que congrega não só a organização familiar (patriarcal, predominantemente), como também símbolos de hostilidade à sua sobrevivência, conforme a música em questão.

E é justamente em sua forma particular de lidar com todo esse repertório simbólico, que o enunciador sertanejo vai exprimir toda a sua riqueza discursiva (em contraposição a sua pobreza material), elaborando, através da linguagem, não só a realidade concreta, imediata, mas a de todo o seu povo, com quem compartilha os mesmos símbolos, valores e desafios.

Nesse ponto, o enunciador se particulariza na dialética natureza-homem, inscrevendo-se na história por meio da linguagem, pois recorda o que ocorreu no passado e antecipa o futuro. Com isso, transcende seus limites de espaço e tempo, refletindo em seu discurso toda a cultura (tradição) do sertanejo, ou seja, a consciência de seu povo. A sua relação dialética com a natureza e as suas heranças históricas, mediada pela linguagem, corporificam-se no discurso do sertanejo, ainda que todo esse processo simbólico-interpretativo se dê inconscientemente para ele. A respeito desse processo, pontua Orlandi (1996):

“O homem não pode, assim, evitar a interpretação, ou ser indiferente a ela. Mesmo que ele nem perceba que está interpretando — e como está interpretando — é esse um trabalho contínuo na sua relação com o simbólico.



A vida é função da significação e de gestos de interpretação cotidianos, ainda que não sentidos como tal.”

### 2.3- A luta do sertanejo pela sobrevivência

Desde o início do enunciado até seu desfecho — quando o enunciador coloca-se como “um caco velho nesse meu sertão”—, o discurso é permeado por elementos que revelam uma constante luta do sertanejo contra adversidades de ordem natural e social.

Dentre essas lutas, a mais desafiadora é a contra a natureza. Toda a enunciação se inicia devido à percepção de que estão os “fôrros ramiados”. Se chove, as plantas vingam, crescem, há fartura; caso contrário, vem a seca, a fome, a morte. Isto posto, lutar contra a natureza, também, é lutar contra a seca, numa batalha sem tréguas e sem resultados.

Em outras palavras, podemos dizer que o diálogo entre o sertanejo e a natureza é assimétrico, pois o lugar que o sertanejo vislumbra ocupar, enquanto sujeito histórico, é inferior à da natureza. Por conseqüência, ela é, paradoxalmente, algoz e redentora na vida do sertanejo, o que nos leva a destacar também a esperança como um outro elemento fundamental às formações discursivas aqui analisadas.

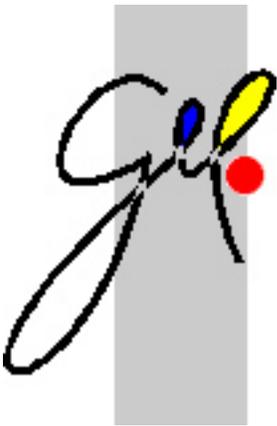
A esperança pode ser constatada na medida em que o agente da enunciação observa a natureza e cria uma expectativa positiva de que chova, o que atenuaria suas precárias condições de vida. No entanto, em vez desse sentimento deslocar o seu olhar para um futuro melhor que se avizinha, retoma-se, a partir da sua própria história como homem do sertão, a trajetória de todo o seu povo, acostumado ao ciclo ininterrupto de esperança e sofrimento.

As longas estiagens, sucedidas por curtos períodos de chuva, explicariam um tipo particular de esperança, desconfiada e ressentida, do povo sertanejo, a partir da qual o seu discurso adquire uma dubiedade singular — ele acredita na chuva, mas, mesmo diante dos seus indícios indelévels, já não quer mais esperar e não demonstra nenhuma euforia. Em *Arrumação*, isso é retratado no refrão: “Futuca a tuia, pega o catadô / Vamo plantá feirão no pó”.

Além da chuva, há também outros aspectos da natureza que geram sofrimento e dor no sertanejo e que determinam suas formações discursivas. Destacamos aqui a referência à onça como um dos mais significativos desses aspectos: “O pai do chiquêro a gata comeu”. Assim, a onça passa a ser também mais um símbolo da tragédia sertaneja.

Por fim, outra grande luta do sertanejo é aquela travada contra o próprio homem: “Os ciganos já subiro bêra ri / é só dano todo ano nunca vi”. De onde se depreende que a figura do cigano em *Arrumação* integra o imaginário popular, segundo o qual todo cigano é ladrão, compondo simbolicamente as formações discursivas sertanejas.

Ressaltamos, então, a chuva, a esperança ressabiada, a onça e os ciganos como importantes elos constitutivos do discurso sertanejo em questão, os quais conferem ao enunciado um caráter de melancolia, visto que, mesmo com “os fôrro ramiado”, sua vida, como buscamos demonstrar, é a continuação da longa trajetória histórica de um povo,



trajetória esta que determina, ideológico e discursivamente, este enunciador e o sertanejo, de um modo geral.

### 3 – Considerações finais

Tendo em vista que o discurso se investe da memória de outros discursos, apoiando-se em uma tradição, essa memória mantém-se em consonância com a maneira de existência das formações discursivas sertanejas. Assim, com o objeto de estudo *Arrumação*, buscamos identificar o sertanejo que, na sua heterogeneidade amparada no “eu” + “outro”, revela-se.

No único verso em que o enunciador dirige o olhar para si mesmo, ele o faz sem dissociar-se do sertão que é, ao mesmo tempo, palco de sua luta pela sobrevivência e agente de tantos infortúnios. Tudo isto fez, não apenas dele, o enunciador, mas de todos aqueles que compõem este mesmo cenário sociocultural, um produto histórico desgastado, velho, de esperança ressequida, como canta Elomar em *Arrumação*: “sou um caco velho nesse meu sertão”.

**RESUMO:** *Este artigo focaliza, nos procedimentos discursivos, a voz organizadora da polifonia do sujeito sertanejo, através do instrumental da Análise do Discurso francesa. Esse suporte teórico nos possibilita a busca da consciência do sujeito discursivo, no poema musical Arrumação, de Elomar Figueira Melo.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Memória; Cenário Discursivo; Sertanejo; Cultura.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Lisboa, Presença- Martins Fontes, 1974.
- BAKHTIN, M. “O autor e o herói”. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Pontes, 1992.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo, Comp. Ed. Nacional / Edusp, 1996.
- GREGOLIN, M. R. V. “O autor, o texto, o leito: em torno de “O lobo e o cordeiro”. In: *Revista da JELL – Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários*. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná / Gráfica Escola, 1988, v. 1.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996.